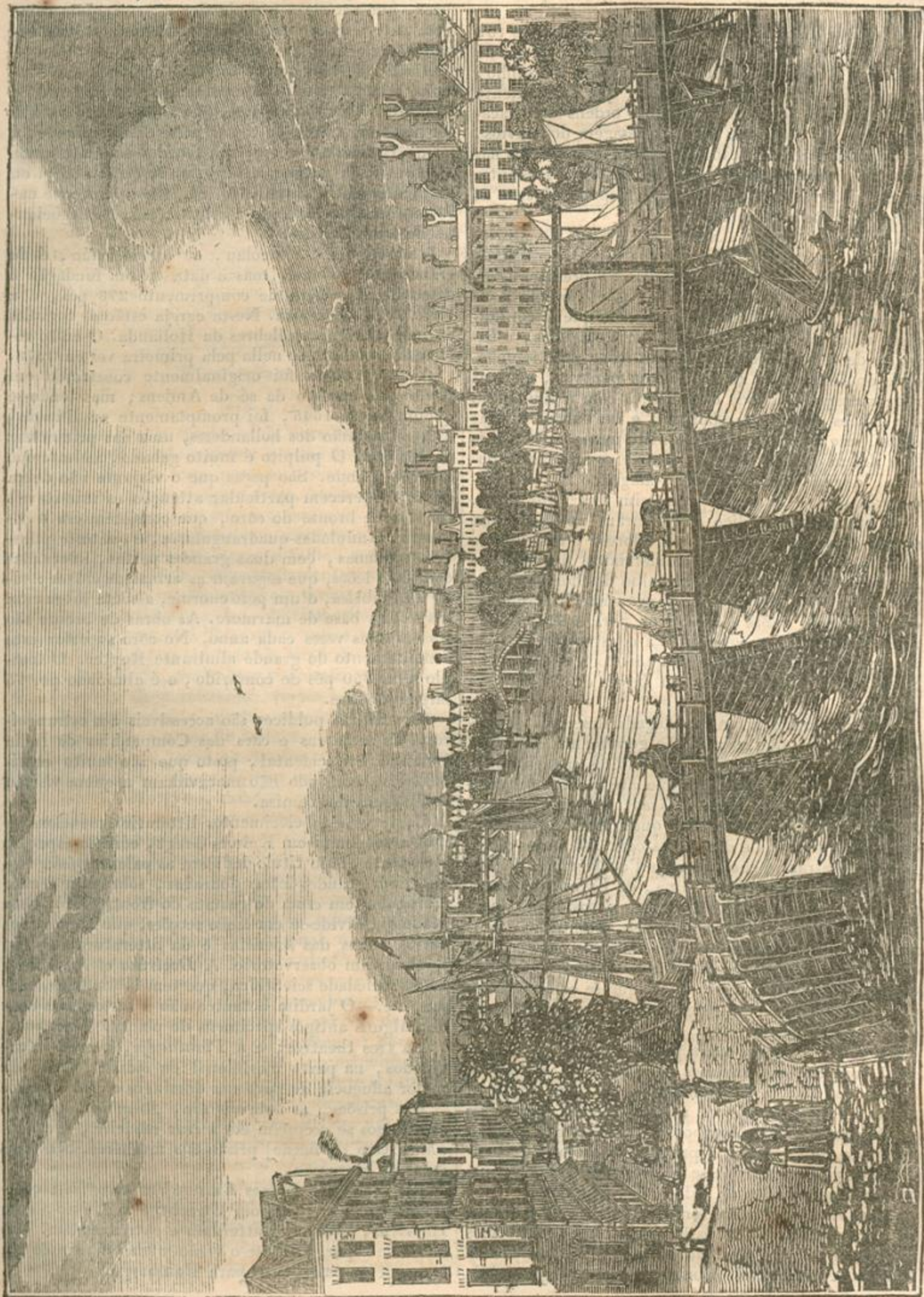


O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

70) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 1, 1838)



VISTA DE AMSTERDAM.

AMSTERDAM.

ESTA cidade, posto que não seja a séde do governo, póde chamar-se a capital commercial do reino de Hollanda. Está situada sobre a margem meridional do Y, que é um golpho do Zuider Zee, onde vem desaguar o Amstel, atravessando a cidade; e daqui nasceu o seu nome primitivo de Amstelredamme ou Amsteldam, que vale tanto como dique ou presa do Amstel.

A cidade dista da córte da Haia 22 milhas, e 107 de Bruxellas, capital da Belgica. Tem a fórma de meia lua, bojando as duas pontas para o golpho, e formando uma especie de porto, que antigamente era defendido por duas fortissimas ordens de estacaria, com 21 aberturas para a passagem dos navios, as quaes se fechavam cautelosamente á noite. Os navios maiores ancoravam da parte de fóra. Presentemente dois vastos diques fecham respectivamente as docas de leste e de oeste.

Do lado da terra é Amsterdam cercada de fossos, e de muralhas e platafórmias, que estão agora plantadas d'árvores, á moda hollandeza, e prestam agradaveis passeios. Quem destas partes contempla a cidade goza um soberbo espectáculo, em que se confundem altos mastros de navios, torres agudas, e casarias de todas as fórmas; e esta scena d'actividade, e de opulencia, jaz no meio d'um pantano, que parece ameaça-la a todo o momento com a inundação dos canaes quasi a trasbordar, e de outras muitas aguas, que a rodeam. Porém nisto mesmo está a melhor defeza de Amsterdam, porque os habitantes podem, quando lhes convenha, alagar o terreno circumvisinho, e ficarem [para assim dizer] *insulados*.

N'um paul salgadiço se ergueram no duodecimo seculo algumas cabanas de pescadores; e desta pobre origem nasceu a rica e commerciante Amsterdam. A industria, e o paciente trabalho dos homens usurpou o senhorio das aguas, para construir moradas, que firmaram sobre estacas, ou para melhor dizer, arvores maciças; porque tal é a construcção d'Amsterdam, do mesmo modo que quasi toda a parte baixa da nossa Lisboa reedificada depois do ultimo terremoto.

Sem entrarmos n'uma esmiuçada descripção da cidade diremos, que as ruas são geralmente estreitas, e alinhadas pelas margens dos muitos canaes que a cruzam: as mais bellas, e que até podem chamar-se magnificas, são Heeren Gragt e Keizers Gragt. As casas dos particulares são quasi todas construidas de tijolo, pintadas e adornadas com diferentes côres. A Kalver Straat é cheia de lojas d'ourivezaria, de porcelanas, de fazendas da China, de livros, de pinturas, e de outros artigos de luxo; e posto que apertada, compensa-se este defeito pela ostentação e profusão das mercadorias. Varias ruas são guarnecidas d'arvoredo. Os canaes são tão numerosos que dividem a cidade em noventa ilhas, que se communicam por 290 pontes. O Amstel tambem a reparte em oriental, ou cidade velha, e em occidental ou nova: passa-se d'uma para outra por uma ponte de 35 arcos, com 610 pés inglezes de comprimento, e 64½ de largo, guarnecida de balaustradas de ferro. Pelos 11 arcos centraes passam os maiores navios. Perto da ponte está a grande comporta, mediante a qual as aguas do rio se podem reprezar, ou soltar: fechando-se as portas suspende se o curso ordinario do Amstel, e o paiz á roda da cidade fica inundado.

Em Amsterdam ha templos de muitas communhões; ao todo são 47 casas destinadas aos diversos cultos. O numero de estabelecimentos de caridade é tambem consideravel. Contam-se doze praças publi-

cas, mas nenhuma de notavel grandeza ou magnificencia: a rua d'Heeren acaba n'uma especie de circó, que comprehende muitas das melhores casas de Amsterdam. O edificio mais celebre é o Stadhuis, ou antiga casa da camara, que dizem ser construido sobre 13.659 estacas, ou arvores maciças, e tem 282 pés de comprimento, 235 de fundo, 116 d'altura, coroando-o uma torre central. Internamente é adornado com grande profusão de marmores, estatuas, e pinturas, que attestam o esplendor d'Amsterdam commerciante, quando erigiu este edificio em 1648, durante os gloriosos dias da republica.

O salão de marmore é talvez o mais bello da Europa; tem 120 pés de comprimento, 50 de largo, e 98 d'alto. Luiz Buonaparte, que tinha muita paixão por palacios, tratou de tomar posse deste, quando foi rei da Hollanda, e a actual familia reinante ainda o conserva na mesma cathogoria. A *beurs*, bolça ou praça mercantil, é um vasto edificio antigo, que nada tem notavel, excepto a concurrencia de negociantes de todos os paizes.

A igreja de S. Nicolau, ou *egreja velha*, é de grande antiguidade, mas a data da sua fundação é desconhecida. Tem de comprimento 278 pés, e a torre 221½ de altura. Nesta igreja estão os tumulos de muitos homens celebres da Hollanda. O culto reformado celebrou-se nella pela primeira vez em 1578.

A *egreja nova* foi originalmente construida em parte pelo modelo da sé de Amiens; mas tendo-se queimado em 1645, foi promptamente reedificada, e é, na opinião dos hollandezes, uma das primorosas da Europa. O pulpito é muito gabado, assim como o orgão grande. São peças que o viajante não deixa de vêr. Merecem particular attenção os inimitaveis ornatos de bronze do côro, que consistem em 6 columnas cannuladas-quadrangulares, e quatorze pilastras pequenas, com duas grandes portas, adornadas com dois leões, que seguram as armas da cidade: toda esta fabrica, d'um pezo enorme, assenta sobre uma magestosa base de marmore. As obras de bronze são limpas duas vezes cada anno. No côro superior está o monumento do grande almirante Ruyter. O templo tem 350 pés de comprimento, e é alumiado por 75 largas janellas.

Os edificios publicos são accessiveis aos estrangeiros. Os armazens e cáes das Companhias da India Oriental e Occidental, posto que são muito consideraveis, comtudo não maravilham a quem visitou as margens do Tamisa.

Entre os estabelecimentos litterarios mencionaremos a academia em Keizers Gragt, edificio espaçoso e elegante, cujo titulo indicam as palavras *felix meritis*, em grandes letras douradas, sobre um ornato triangular em cima do remate do frontispicio. Esta academia divide-se em cinco secções, que abraçam os varios ramos das sciencias e da litteratura. Possui tambem um observatorio. A *Doctrina et Amicitia* é outra sociedade scientifica, que tem bibliotheca, museu, etc.—O jardim botanico não é vasto; mas contém alguns antigos specimens de plantas do Cabo.

Ha tres theatros; e a *Plantaadje*, passeio d'arvoredos, na parte meridional da cidade, logar da maior alluência de povo nos domingos e dias sanctos.

Das prisões, as notaveis são, *Rasphuis*, onde os criminosos se occupam em serrar madeira, e a *Spinhuys* [casa de fição] prisão das mulheres. São duas casas de correcção.

Por meio dos canaes Amsterdam tem facil communicação por agua com Utrecht e o Rheno, com Haarlem, Leiden, Rotterdam e outras cidades. Um barco de vapór, durante o verão, anda empregado em transportar passageiros para Hamburgo.

A residência em Amsterdam, por algumas commodidades, tem muito mais desvantagens. A água para beber e usos da cozinha vem do Vecht, em canoas, distancia de quinze milhas: a água pura de Utrecht vende-se cara nas ruas, para uso da mesa e para fazer chá e café. A falta d'um artigo tão indispensavel é nociva á saúde, e o máu cheiro que exhalam os canaes em dias quentes do verão é ás vezes intoleravel. Também não ha cidade na Europa, em que a mortalidade seja maior, proporcionalmente á população. O combustível usado geralmente é a turfa, que abunda em muitas partes do reino. Só queima achas, e carvão de Newcastle quem póde pagar estes generos por alto preço. Portanto a honra de ser habitante de Amsterdam não é muito para cobiçar.

O extenso commercio desta cidade foi fundado e conservado pela industria e perseverança de seus habitantes, para o que contribuiu muito a instituição do Banco em 1609. É este um dos mais antigos estabelecimentos deste genero na Europa, e tem sido sempre dirigido com grandissima regularidade, e acrisolada boa-fé. Ainda que no principio deste seculo o commercio de Amsterdam enfraqueceu, desde 1814 tem de novo prosperado, sem, contudo, chegar á sua antiga importancia. A cidade conta hoje uns 202:000 habitantes.

MONUMENTOS.

II.

FECHAMOS n'uma epocha só de decadencia da architectura quasi seculo e meio; porque realmente a indole de todo este largo periodo é sempre a mesma: vê-se a arte na sua longa agonia, rodeada de curandeiros que pretendem sara-la; mas que a transfiguram, sem lhe comprehenderem o achaque intimo que a devora: vemos gesso, ouro, e talha; vemos columnas a proposito e despropositadamente: vemos converter os velhos monumentos em monstros de Horacio: torres gothicas, ao lado de zimbórios á Buonarrotti ou de portaes á Barrozio: vemos a capella do seculo 18.^o, aberta ao lado da nave do seculo 15.^o, como um lobinho, um tumor asqueroso, em corpo de homem bem proporcionado: vemos alevantar edificios de negociantes, e egrejas, a que impia e ridiculamente se dá o nome de bonitas: vemos as grandes praças de Lisboa, bem quadradas, bem symetricas, e bem prosaicas: vemos egrejas como a da Incarnação, e a dos Martyres, caídas, pulidas e alindadas, onde não mora um só pensamento de Deus. As gerações, que assim tractaram a arte, assim a entendiam. Por um lado imprimia-se a poetica do padre Freire, coroava-se a Osmia, publicavam-se por ordem superior as poesias [?] de Ribeiro dos Santos: por outro, encostavam-se columnas pelas paredes da igreja de S. Domingos, á porta do Arsenal, e entre as frestas do atrio tísico do convento do Coração de Jesus. Sentia-se que a litteratura e as artes tendiam a uma regeneração; mas não se percebia que não era possivel fazer-se essa regeneração por via das tradições carunchosas da Grecia ou de Roma; porque de haverem revivido essas tradições, no principio do seculo dezeseis, tinha vindo indirectamente a ruina das letras e das artes europeas, cuja tendencia era outra, e outro devia ser o futuro. Mas isto era um erro, e uma ignorancia acompanhada de bons desejos. É esta cabal desculpa dos desvarios de seculo e meio; dessa primeira epocha da decadencia. Vejamos se egual descargo de si póde apresentar a segunda epocha.

Esta começou ha poucos annos; mas nesses poucos annos já dará maior numero de paginas maldictas á historia da arte, do que lhe deu seculo e meio. O pi-

cão e o camartello só ha bem pouco tempo que podem dizer: *triumphámos!* Até então esculpiam paredes, roçavam esculpturas; mas agora derrubam torres e curuceus, partem columnas, abatem muros, quebram lousas de sepulchros, e apagam todas as provas da historia. Corre o vandalismo despeado de um a outro extremo do reino, e tudo assola e desbarata: e o mais é que não ha colhe-lo ás mãos e affoga-lo; porque, semelhante a comico perfeito, desempenha todos os papeis, e veste-se com todos os trajos. Aqui é vereador municipal; alli administrador de concelho: ora é ministro; logo deputado: hoje escriptor; amanhã empregado publico: corre na carruagem do fidalgo; faz assentos de debito e credito no escriptorio do mercador; dá syllabadas em latim de missaes; préga, por cafés, sermões de economia politica, e de direito publico; capitanea soldados; vende bens nacionaes; ensina sciencias: emfim é tudo, e mora por toda a parte. Attento a que não sôe em nenhum lugar uma unica voz do passado, esbraveja, argumenta, esfalfa-se; e é necessario um ruido de monumento desabando, para que elle adormeça por um pouco, e repouse da sua perpetua lida.

Apesar desta ferocidade do vandalismo não se crêa que elle é descuidado no vestido, medonho de cactadura, descomposto nos ademanos: não senhores! O vandalismo é aprimorado no trajo, lhano no gesto, cortez no tracto. Encontra-lo-heis nas sallas requebrando as damas, dançando, tomando chá: vereis que entende francez e inglez; que leu Voltaire e Pigault-Lebrun, e que sabe quasi lér e escrever portuguez. O vandalismo é cortezão, civil, e affável. Que não veja um monumento, e será o ente mais pacifico deste mundo.

Mas desgraçadamente o velho Portugal estava cuberto de recordações do passado. Cada facto historico tinha uma igreja, uma casa, um mosteiro, um castello, uma muralha, uma pedra de sepulchro, que eram os documentos perennes desso facto, e da existencia das pessoas que nelle tinham apparecido: com isto tudo topou o vandalismo, e irou-se. Razão tinha; nem lha negámos. Ergueu-se, e fallou em feudos, em dizimos, em corrupções fradescas, em maninhadegos, em servos de gleba, em direitos de osas, em surperstições, e semeando estes vocabulos por meio de sentenças philosophicas, de logares communs do catholicismo de Ramon Salas, chamou os homens do alvião e picareta, começou a derrubar, victoriado pelo povo. Só elle, immovel no meio de mil mudanças, no meio de opiniões contrarias, de luctas, de commoções, tem apontado constante ao seu alvo, a demolição do passado: elle pertence a todos os bandos politicos, acceta todos os principios, curva-se a todos os jugos, com tanto que o deixem roer os testemunhos da historia e da arte; que o deixem fazer-nos esquecer da gloria nacional, e de que somos um povo de illustre ascendencia: este pensamento é o seu pensamento unico, perpetuo, e inabalavel.

E quando vemos que até o vandalismo está tão civilizado, ainda haverá quem diga que este seculo não é um seculo de illustração e progresso? Tal blasphemia será o primor da maledicencia.

Ha algum tempo que recebemos uma carta de um assignante do Panorama, em que nos dizia o seguinte: — “Tendo havido quem ousasse desfazer e revolver o tumulo em que jazia o cadaver de D. Luiz d'Attáide na igreja do extincto convento do bom Jesus desta villa [Peniche] este facto excitou, nos que concorram a observar os despojos mortaes daquelle heroe, vivos desejos de ouvirem fallar da sua vida e feitos.” Cartas semelhantes temos de outras partes. De todos os angulos do reino se alevantam brados de homens

generosos, que lamentam as ruínas dos velhos edificios, a profanação dos sepulchros, a destruição de todas as memorias da arte e da historia. Quem hoje quizesse escrever as biographias dos nossos homens illustres, talvez não pudesse dizer de um só, onde seus restos jazem. O braço omnipotente do vandalismo estendeu-se para os sepulchros: as campas partiram-se; os ossos de nossos avós lançaram-se aos cães, e rolam pelo pó das estradas e pelas immundicies das ruas. As inscripções lapidarias vão-se enterrando por alicerces, e paredes; não á face destas, porque ahí ainda alguém as poderia ler; mas no fundo dos cavoucos, ou no amago dos muros; aliás não poderíamos despejadamente gabar-nos de ter renegado inteiramente de nossos bons maiores.

Um respeitavel viajante hespanhol nos contou que vira entre os entulhos do convento de S. Domingos de Lisboa uma lagem, onde se lia o epitaphio de Fr. Luiz de Granada. Pediu aos que ahí trabalhavam a tirassem do meio das ruínas, porque essa pedra era de muita valia. Provavelmente os economistas das alavancas, os philosophos das picaretas, riram desta impertinencia do hespanhol retrogrado, e a lapide sepulchral de um dos homens mais sabios e eloquentes que a Peninsula viu no seu seio, estará jazendo a estas horas nos fundamentos de algum edificio, que, abatendo a decima e os concertos, renda tantos por cento ao anno! Oh incomparavel civilisação deste seculo!

Levaram-nos a Coimbra no anno de 1834 obrigações de serviço publico: ahí residiamos quando foi supprimido o mosteiro de Sancta-Cruz. Correu então voz publica de que houvera quem se lembrasse de pedir que este bello edificio fosse entregue á Municipalidade. Ninguém imaginará para que. Era para esta o mandar arrazar, e fazer uma praça. Não veio a lume este projecto nefando; mas não foi por mingoa de bons desejos. Uma praça no lugar onde estivera Sancta-Cruz; uma praça calçada com os umbraes esculpados do velho templo, com as lagens quebradas dos tumulos de D. Affonso Henriques, de D. Sancho 1.^o, e de tantos varões illustres que alli repousam! — Ha, acaso, quem comprehenda a sublimidade deste pensamento: quem avalie a infinita superioridade de um terreiro a um edificio-monumento, onde apenas ha historia, arte, poesia, religião? — Confessamos que tão desmesurada força de ingenho não ha em nosso acanhado espirito, que possamos conceber a magestade e importancia de um terreiro do seculo decimo-nono, comparado com um edificio de seis seculos, que não tem a seu favor senão alguns primores de arte, e algumas recordações da historia.

Pelas largas que tem tomado o vandalismo podemos sem receio assegurar que dentro de cincoenta annos não haverá em Portugal um monumento. O Mexico ainda se ufanará do seu templo de Palenque da sua pyramide de Tehuantepec; a India dos subterraneos de Elora e de Elephanta; e até os habitantes da Australia terão que mostrar aos estrangeiros os *maracs* dos seus antigos deuses; só nós os portuguezes não lhes poderemos dizer: eis aqui os testemunhos indubitaveis de que fomos uma nação antiga, rica, e gloriosa!

Correi as principaes cidades do reino: buscae os mais veneraveis edificios: ou jazem por terra, ou foram destinados para estabelecimentos que de necessidade os estragaram. A bella e veneranda igreja de S. Francisco do Porto, unico monumento do seculo 15.^o que possuia aquella cidade, foi destinada para armazem da Alfandega. — O mosteiro dos Jeronimos em Belem, obra prima da architectura media entre a néo-gothica, e a chamada do *renascimento*; edificio magnifico de uma epocha de transição na arte,

como Sancta-Sophia de Constantinopola o é de outra epocha semelhante, foi deturpada não nos importa por quem; o seu maravilhoso claustro affeado com paredes caiadas, e convertido em dormitorios forçosamente humidos e mal-sãos. A Batalha, Alcobaça, o convento da ordem de Christo em Thomar caem em ruínas; e diz-se: *Que importa?* Barbaros! Importa a arte, as recordações, a memoria de nossos paes, a conservação de cousas cuja perda é irremediavel, a gloria nacional, o passado e o futuro, as obras mais espantosas do entendimento humano, a historia, e a religião. Vós, homens das destruições, dos alinhamentos, dos terreiros, da civilisação vandalica, é que importaes bem pouco; porque, semelhantes a vermes, roeis, mas não edificaes; porque neste mundo não deixareis rasto vosso, tendo sabido apagar tantos vestigios alheios; porque, nada valendo, menoscabaes os que valeram muito; porque se uma cathedral, um castello, um mosteiro durou por quatro, seis, ou oito seculos, as picaretas, os alviões, e os camartellos estarão comidos de ferrugem em menos de vinte annos; e estes instrumentos de destruição é a unica memoria que de vós deixaes á posteridade.

E ainda o desprezar os monumentos não é tão reprehensivel, como o guerrear-los de morte: os que os desprezam fazem o que os Lombardos faziam com as formosas obras da architectura gréco-romana; deixavam-as desabar, mas não as destruiam: os que os guerrearam com odio figadal, esses não são como os Lombardos; são Hunos e Getas; são a flor da barbaridade.

Procurae hoje por exemplo a antiquissima parochia de Sancta Marinha, ou a de S. Martinho: achareis os logares onde estiveram; e estes logares preparados para se alevantar ahí isso a que nós, espiritos lilliputianos, chamamos habitações, e se quizerdes, palacios. Verdade é que Sancta Marinha encerrava memorias anteriores á monarchia, e que a parochia de S. Martinho estava ligada com a historia da grande crise politica, porque passou Portugal em 1380; mas de que momento é essa consideração, se attendermos a que lá, onde estiveram os dois templos ricos de idade e de tradições, se podem construir duas moradas de casas, bem elegantes, bem frageis, bem pintadas, bem alvas no exterior? — E depois, vêde: como se accommodaria a immensa povoação de Lisboa senão se alevantassem mais essas duas moradas? Que importa que se desfaça a sepultura do conde Andeiro, ou do conde de Alvor? As ossadas dos mortos podem jazer tão repousadamente debaixo de um balcão de tenda, como aos pés de um altar, ou á *sombra da eterna cruz!* Abençoada sejas tu, geração philosophica, geração arrazadora, geração do camartello! — abençoada sejas tu para todo o sempre!

Uma das obras mais admiraveis do seculo 14 foi, sem duvida, a muralha que D. Fernando alevantou á roda de Lisboa: todos julgavam impossivel a sua edificação, dizem os chronistas; porque não suppunham que se houvesse de acabar em cem annos: mas elrei soube acaba-la em dois. Os povos foram chamados de grande distancia para trabalharem nella; e deram-se todas as providencias para lhes suavisar aquella especie de annuduva extraordinaria. A esta muralha deve talvez hoje Portugal o não ser uma provincia de Hespanha: porque ella salvou Lisboa de cair nas mãos delrei de Castella, o que se tivesse acontecido, o reino se perdêra. Esta muralha era, portanto, um verdadeiro monumento historico. O progressivo augmento da cidade a tinha feito desaparecer em grande parte; mas restava ainda, além de outros, um lanço importantissimo: era o angulo

que fechava Lisboa, naquella tempo, pelo lado do bairro dos judeus; e por este angulo, onde houvera uma porta e, ao que parece, um cubello, se podia traçar quasi exactamente o sitio por onde corriam os dois lanços de norte e de oeste. Assim se podia determinar qual era a grandeza da cidade naquella epocha, e se conservava, além disso, um *specimen* da grossura e mais proporções da muralha, que em nada se parecia com as que pelo reino se edificaram em tempo de D. Manuel.

Este angulo, este fragmento, esta memoria, testemunha da mais brilhante epocha da nossa historia, lá se está derrubando para se fazer uma praça, bem larga, onde caibamos; porque é indubitavel, que nós, *homens gigantes*, comparados com os nossos avós, *pigmeus* conquistadores da Africa e da India, não cabe-mos onde elles couberam. Far-se-ha pois uma praça, grande, grande, grandissima, onde, porventura, se estabelecerá um mercado; erguer-se-hão rumas de nabos, de couves, e de alfaces, no lugar do monumento. — E que é, com effeito, neste seculo egoista, indifferente, positivo, um monumento a par de uma giga de hortaliça? Que é uma recordação de D. Fernando e de D. João 1.^o a par de um bem creado repolho? A recordação falla-nos de gloria; o repolho serve-nos para a panella. Que homem tão insensato ha ahí que não prefira a ôlha a toda a gloria de seus antepassados? —

Ridiculo; ridiculissimo; mil vezes ridiculo!

Vergonha é confessa-lo: — os estrangeiros teem mostrado maior veneração pelas antiguidades do nosso paiz do que os portuguezes! — Um estrangeiro salvou no mosteiro de Bemfica a antiga capella de D. João de Castro. Ha poucos dias ouvimos outro, em cujos olhos chammejava a indignação, clamar altamente contra a barbaria, com que se deixavam estragar na egreja de Belém varios quadros magnificos, de eschola portugueza, nos quaes os passaros, entrando por frestas mal reparadas do edificio, vão amontoando suas immundicies. — Mas estes estrangeiros são homens que comprehendem a arte, e a historia; que sentem e entendem. Nós é que perdemos comprehensão, sentimento e intelligencia.

Se com a nossa incuria e raiva assoladora desmentimos o passado, para desmentir tudo, até falseamos a indole do presente. É a economia a sciencia do nosso tempo. — Todos fallam em capitaes, em industria, em riquezas sociaes, em valores: mas que serão os velhos edificios; que serão essas admiraveis machinas de marmore e granito? São resultado ou *producto* da concepção, da applicação, e da execução: são, portanto, uma riqueza social: e porque, e para que anniquilaeis vós essa riqueza? Dado que ella representasse um capital morto, deverieis acaso lançar este fóra? Todavia um monumento, recommendavel como objecto de arte, é um capital productivo. Calculae quantos viajantes terão atravessado Portugal, durante um seculo. Certo que não é para correrem nas nossas commodas *diligencias* por nossas bellas estradas, ou navegarem nos nossos rapidos vapores por nossos espaçosos canaes: certo que não é para aprenderem a agricultar com os nossos agricultores; nem a fabricar com os nossos fabricantes; mas para admirarem o mosteiro da Batalha, o templo romano de Evora, o castello da Feira, a collegiada de Guimarães, o convento de Belém, e, emfim, tantas obras primas de architectura, que encerra este cantinho do mundo. E dizei-nos: credes que o estrangeiro alcança o fim de sua peregrinação, sem despender muito ouro? Ignoraeis que este ouro se derrama por mãos de portuguezes? — E fallaeis vós outros de Economia Politica; e anniquilaeis o capital dos monu-

mentos? Homens do camartello, se vós não sois o typo ideal do absurdo, póde já ficar assentado em dogma philosophico, que o absurdo não tem typo ideal.

Paremos aqui. Se houveramos de dizer tudo o que nos occorre nesta materia, tudo o que, talvez, cumpria se dissesse, fariamos, em vez de um artigo, um livro. Seja-nos, comtudo, licito lançar em ultimo lugar uma idéa, que se fosse posta por obra, poderia refrear um pouco a sanha do vandalismo.

Quizeramos, que todos os homens, que teem um coração portuguez, fizessem uma associação, cujos membros estivessem espalhados por todo o reino: que os residentes em Lisboa formassem uma especie de junta, á qual os das provincias, logo que á sua noticia chegasse a demolição de algum monumento da historia ou da arte, remetterssem uma breve nota, individuando as circumstancias do edificio destruido e o nome do arrazador, quer este fosse auctoridade publica, quer fosse algum particular. Quizeramos depois que esta breve nota, sem reflexões, sem affrontas, se legasse á posteridade, em todos os jornaes, para que esta fizesse a devida justiça. Nenhuma lei prohibe que se narre singellamente um factio que o seculo julga indifferente; ninguem, portanto, se poderia queixar de semelhante publicação: e quanto aos vindouros, que importam as suas maldicções ao que não cura nem da arte, nem do passado, nem do futuro, nem da gloria nacional, nem da memoria de seus avós, nem dos sepulchros, nem das tradições, nem sequer, em fim, dos interesses materiaes que resultam e hão-de resultar da conservação dos monumentos? Nada: e por certo elles ririam dessa vingança publica; mas talvez, seus filhos e netos não rissem, vendo-se obrigados a renegar do nome paterno, ou a acceitarem dos seus contemporaneos o ferrete infamante, que elles sobre taes nomes hão-de forçosamente imprimir.

COMO ERAM OS LIVROS DOS ROMANOS.

Os nossos *volumes* modernos differem absolutamente do que tinha entre os antigos tal nome, e cairiamos em grave erro, se, para fazer uma idéa das bibliothecas de que fallam os historiadores da antiguidade, imaginássemos que eram como as nossas, ou que em alguma cousa se pareciam com ellas. Quando qualquer livreiro de Roma tinha a seu cargo fazer um livro das obras d'este ou d'aquelle auctor, provia-se de certa porção de folhas de papyro ou de pergaminho; depois grudava-as pelos lados umas ás outras, de modo que formassem uma tira comprida, e quando estavam bem seccas, passava-lhes por cima uma pedra pomes para as alizar, e tirar-lhes os pingos do grude. Acabado isto, dividia com traços aquella comprida faxa em paginas eguaes, da fórma e dimensão, pouco mais ou menos, das paginas dos nossos livros, deixando-lhes margens por todos os quatro lados: então se transcrevia nestas paginas a obra, servindo-se o copista ou escrevente de uma canna, aparada como as pennas de que usamos, e de certa tincta composta ordinariamente com gomma e pós de çapatos. Na faxa escrevia-se tão sómente de um lado, e começava-se da direita para a esquerda, sendo exactamente a disposição das linhas, palavras, e caracteres, semelhante á dos nossos livros modernos. Principiando, como dissemos, o livro na esquerda da faxa, a ultima pagina ficava na extremidade da direita: pela margem, deste lado, se prendia o livro a um cilindro de pau, um pedaço mais comprido do que a largura da faxa: este cilindro era a peça principal, a alma do volume, que se enrolava ao

redor delle, em direcção horisontal. A capa grudava-se á margem contraria, isto é, á primeira pagina, a qual, depois de fechado, ou de enrolado o volume, formava a parte superior do rôlo. Esta capa, feita de pergaminho forte, era da altura do cilindro, para o poder cubrir todo enrolando-se; guarneciam-a de cordõesinhos destinados para apertar bem o volume, e embaraçar que se desenrolasse. Pintavam-na por fóra, e ahí lhe escreviam em letras graúdas o titulo do livro. Por dentro, e, por consequencia, á esquerda da primeira pagina, escreviam a dedicatória, accessorio infallivel de quasi todas as obras romanas.

Tal era a fórma geral dos livros na antiguidade romana; mas havia-os mais ou menos ricos; porque os romanos tinham, como nós, edições baratas e outras de luxo. Conheciam-se e usavam-se em Roma as tinctas de diversas côres, as vinhetas, as bordas da faixa lisas, etc. A imaginação dos livreiros se exercitava tambem nos adornos das capas; pintavam-nas de purpura: escreviam-lhes os titulos com letras de ouro, e punham-lhes cordões riquissimos. Era principalmente no lavor do cilindro, ou, por melhor dizer, dos dois topos, que saíam fóra do rôlo, que os bibliophilos, ou curiosos de livros, davam mostra do seu fausto e vaidade. Ás vezes era todo o cilindro de marfim ou de ebano; mas, por via de regra, estas materias preciosas só serviam para adornar as duas extremidades. Embutiam-nas de prata e de ouro, e até muitas vezes estes dois topos arredondados eram cravejados de perolas e pedras preciosas. Perfumavam-se finalmente os rolos com essencia de cedro, para que exhalassem suave cheiro, e para preserva-los dos estragos dos vermes. Sabendo-se pois o feitio que tinham os livros, é facil de perceber que as bibliothecas antigas deviam ser ordenadas de modo differente das nossas: consistiam, com effeito, em series de casinhas ou buracos fundos, em que se mettiam os rolos como em um estojo.

Além destes rolos, proprios para as produções litterarias, tinham os romanos, para as contas e apontamentos ordinarios, uns livrinhos parecidos com as nossas carteiras, em que andavam mettidas umas taboasinhas de pau ou de marfim com uma borda quasi imperceptivel, e enceradas no meio. Para escrever nesta cera serviam-se d'um instrumento de osso, de ferro, de cobre, ou de ouro, parecido com as nossas pennas de lapis, mas agudo n'uma das pontas e chato na outra: a aguda servia para traçar os caracteres na cera, e a chata para os apagar outra vez. A esta especie de ponteiro dava-se o nome de *estylus*.

ROUBO E MORTES FEITAS A BORDO DO NAVIO ANNA.

No mez de Outubro de 1835 achava-se na Bahia o bergantim dinamarquez Anna, capitão Holl. No dia 20 havia de fazer-se de véla para Pernambuco, para alli completar a carga, e voltar depois á Europa. Era meio dia quando o capitão Holl recebeu a bordo a visita de um homem embrulhado n'um capote já usado, que lhe pediu o favor de lhe fallar só por só. Mandou o capitão ao seu moço que se afastasse, fez sentar o desconhecido, e depois de muitas palavras insignificantes, o homem encapotado lhe explicou nestes termos o motivo da sua vinda: "Sou florentino, chamo-me Zernetti; ha dois mezes que ando mostrando na Bahia uma collecção de figuras de cera; mas além de pouco haver lucrado nesta cidade, tenho contrahido algumas dividas, que não posso pagar por enquanto. Queria ir para Pernambuco onde tenho a certeza de que ganharei muito di-

nheiro, com que até poderei pagar aos meus credores da Bahia. Estes brasileiros são inexoraveis: não me dariam credito, ainda que debaixo da minha palavra de honra lhes promettesse que lhes mandaria de Pernambuco a importancia das suas dividas, e tenho por noticia que ámanhaã me vem fazer penhora na minha collecção. Para me livrar deste apuro resolvi partir ás escondidas, e como o seu navio ha-de dar á véla ámanhaã antes de nascer o sol, eu lhe prometto pagar-lhe com generosidade, quando chegar a Pernambuco, o obsequio, que espero dever-lhe, de me receber a bordo, em sendo noite, as 5 caixas de figuras, que eu me não descuidarei de ter promptas, e que facilmente embarcaremos sem opposição da alfandega, porque um dos guardas do porto é meu compatricio, e ha-de concorrer para que eu parta sem o mais pequeno obstaculo."

Depois de algumas objecções, que o astuto florentino desfez sem custo, conveio o capitão dinamarquez em receber o novo Curcio e os seus caixões; fizeram-se pois os necessarios preparativos, e n'aquella mesma noite foram alojados no bergantim os caixões, e seu dono. Ás 9 horas da manhaã suspenderam o ferro, e começou a embarcação a navegar para o seu destino com vento favoravel. No primeiro dia nada succedeu digno de se referir. O florentino conversava familiarmente com a companhia, perguntava-lhes o valor da carga, servindo-se de rodeios, e descia frequentes vezes ao porão para ver com seus proprios olhos, segundo elle dizia, se os seus caixões estavam bem acondicionados e livres de avarias.

As contínuas idas e vindas do florentino depois que anoiteceu excitaram algumas suspeitas, de que todavia ninguem fez muito caso, porque em boa razão, dez marinheiros fortes e robustos não deviam recear-se d'um só homem inerte.

Á meia noite, quando parte da equipagem estava dormindo, sentiu o homem de quarto um grande reboliço no porão; quiz dar aviso ao capitão, que se havia recolhido á camara, mas não teve tempo para isso, e no meio do alvoroço chegou a distinguir a voz deste, que bradava por soccorro. Sem darem tempo á tripulação para se aperceber, appareceram no convez uma duzia de homens completamente armados, ferindo de ponta e córte quantos marinheiros encontravam, de sorte que em pouco tempo se apoderaram do navio. O capitão, o seu immediato, dois marinheiros, e o mestre tinham sido mortos neste horrivel combate; os seus cadaveres foram lançados ao mar. O grumete e outro marujo, que não estavam a dormir, valendo-se da geral confusão, embarcaram-se n'um bote, e forçando os remos se afastaram, sem mantimentos, e sem bussola, confiando ao acaso o seu destino. Não lhes foi porém contrária a sorte, porque chegaram á costa do Brasil, e fizeram no consulado da sua nação um depoimento dos successos que haviam presenciado.

Soube-se em resultado de posteriores indagações, que o intitulado florentino era um pirata cujo navio déra á costa; que tinha escapado do naufragio com doze dos seus cúmplices, e que as suppostas caixas de cera que mettêra a bordo do bergantim dinamarquez, continham os seus companheiros, os quaes elle tinha feito embarcar de noite para que ninguem os visse.

BRIGA DE DOIS EMBAIXADORES.

QUANDO em Portugal rebentou a revolução de 1640, a influencia da Hespanha na córte de Roma era ainda immensa. A revolução portugueza foi por consequencia mal acceita ao papa. Conheciam, porém, os

ministros de D. João 4.^o quanto convinha ainda naquella epocha não interromper as relações com o chefe do catholicismo: foi, portanto, mandado a Roma por embaixador D. Miguel de Portugal, bispo de Lamego. Chegando este áquella cidade dividiram-se os pareceres dos cardeaes; pertendiam uns que se recebesse a embaixada; outros oppunham-se a isso vigorosamente. Triumphou por fim o partido de Castella: depois de multiplicadas e inuteis conferencias particulares, o bispo de Lamego teve de voltar para o reino, que, por felicidade, teve durante vinte e oito annos interrompidas as relações com Roma; dizemos, por felicidade; porque as rendas dos bispados vagos, que eram todos ou quasi todos, se applicaram para as despesas da guerra.

Estava ainda em Roma o bispo de Lamego, quando chegou áquella côrte o marquez de los Velles, como embaixador extraordinario de Castella. Tomou este por empresa prender ou matar o bispo de Lamego, para o que assoldou um grande numero de vadios e assassinos de que andava rodeado. Certo dia estando o bispo em casa do ministro francez, com tenção de ir visitar a egreja de S. Bernardo, soube que o embaixador hespanhol se preparava para o accommetter no caminho. Rogava-lhe o embaixador francez que ficasse em sua casa, e não se expozesse a uma affronta, ou a morrer; mas o bispo insistiu, e acompanhado por sessenta homens portuguezes, francezes, e catalães [*] partiu para o seu destino. Ao dobrar a quina de uma rua saiu-lhe ao encontro o marquez de los Velles. *Alto!* bradaram os castelhanos; mandando aos portuguezes parassem diante do embaixador de Hespanha: responderam os portuguezes, que parassem elles diante do embaixador de Portugal. Nem uns nem outros iam dispostos a ceder: apearam-se, e começou a lucta: aos primeiros tiros caíram quatro da banda dos portuguezes, e oito da banda dos castelhanos: cessou o fogo e vieram ás cutiladas; e ainda que os portuguezes eram menos, romperam os castelhanos, e os obrigaram a fugir vergonhosamente: o marquez de los Velles, escapou n'uma loja aonde se acolheu; e a sua carruagem ficou despedaçada no meio da rua, estando ahi dois dias sem que ninguem a recolhesse. O bispo, armado de uma clavina animava os seus durante o combate, sem fazer fogo, e tendo-se assim desaffrontado do insulto, feito nelle á pessoa do seu monarcha, saiu de Roma, sem mais demora. Tal estava a côrte pontificia já naquelle tempo, que as auctoridades soffriam que as ruas de Roma fossem campo de batalha para embaixadores estrangeiros.

ERROS ACERCA DA GUILHOTINA.

ESTE instrumento usado modernamente em França para a execução da pena de morte, deveu o nome que ora tem a José Ignacio Guillotin, medico, natural de Xaintes, que o propoz á assemblea nacional de França, de que era membro. Foi adoptado por um decreto de 20 de Março de 1792. Guillotin passa pelo seu inventor; mas não é assim, porque o mesmo instrumento já era empregado em publicas execuções, muitissimo tempo antes, na Alemanha, na Bohemia, na Italia, e na Escocia e Inglaterra. Crusio o menciona nos *Annales Suevici* tom. 2.^o pag. 296. Naquelles paizes tinha nomes diversos segundo os idiomas. Na Italia era conhecido pelo nome de *mannaia*; e delle traz uma gravura Achilles Bocchio na sua obra *Symbolicarum Questionum*, livro 5.^o, impressa em

Bolonha em 1555.— Em Inglaterra foi usado em Halifax no York-Shire; e os ultimos malleitores, que foram deste modo justicados, foram executados em 1650.—

Outro erro, tambem muito vulgar, é dizer-se que o medico Guillotin, condemnado no ultimo periodo da revolução, perecera victima do que chamam invenção sua. Mas tambem não é assim; porque elle falleceu de morte natural a 26 de Maio de 1814, com 76 annos de idade.

ASSENTOS E CAMAS DOS ANTIGOS.

OS BANCOS e tamboretos foram por muito tempo os assentos mais usados, mesmo dos principes, por quanto as cadeiras eram mui raras antigamente. A cama movel, tão necessaria que a sua falta é hoje signal da ultima indigencia, os gregos e romanos a tiveram por um objecto de luxo quando trocaram as folhas e pelles sobre que repousavam os seus heroicos antepassados, pelos colchões e camas de pennas. Os leitos dos antigos eram de marfim, prata, ébano, ou cedro. Difficilmente encontraríamos hoje uma d'essas camas onde os nossos avós dormiam com suas mulheres, filhos, cães, e amigos; dormir com estes ultimos era a maior prova de estimação que se lhes podia dar; o almirante Bonnivet deu muitas vezes logar na sua cama a elrei Francisco 1.^o

UM INSECTO DEVOTO.

HA UM insecto mui commum entre nós, e em todos os paizes quentes, que sabe valer-se dos preconceitos da misera especie humana, não só para se livrar da morte, mas tambem para chamar sobre si o respeito e quasi a adoração.

O animalinho a que chamamos louva-a-Deus, [*Mantis religiosa Latr. ou priga diou dos Provençães*] tem o corpo esguio, a cabeça triangular, e o thorax mui comprido. As suas patas anteriores são muito notaveis pela sua configuração, grandeza, e modo singular com que o insecto d'ellas se serve para apanhar qualquer cousa. Quando está parado levanta verticalmente a parte anterior do corpo, e dobra tão exquisitamente as patas dianteiras, elevando-as e unindo-as uma á outra, que imita perfeitamente alguém que ajoelhado e de mãos postas implora a protecção divina, e a esta particularidade deve a sua segurança. Os devotos provençães o respeitam porque contemplam nelle um devoto que se está encommendando a Deus, e quando alguma mulher o encontra nunca deixa de o cumprimentar com um signal da cruz. Os mahometanos o veneram pelo mesmo motivo, e os hotentotes lhe teem um respeito tão supersticioso que degenera em idolatria.

Anecdota de Carlos 5.^o— Indo certo embaixador francez á presença de Carlos 5.^o, não achou onde se sentasse por que o imperador querendo-o humilhar tinha mandado tirar da sala todas as cadeiras; porém o embaixador que conheceu a intenção com que isto se fizera, tirou logo uma capa muito rica, que sobre si levava, enrolou-a, e fez della um assento: acabada a audiencia saiu, deixando-a ficar; e querendo os porteiros restituir-lha, disse-lhes: Não, os embaixadores d'elrei meu amo nunca costumaram levar comsigo as cadeiras de que se serviram.

(*) A Catalunha estava naquella epocha levantada; mas na sua lucta de independencia não foi tão feliz como Portugal.

O general e o ministro d'estado. — A victoria das Dunas e a tomada de Dunkerque foram tão brilhantes que o cardeal Mazarino, então primeiro ministro, quiz attribuir a si a principal gloria de successos tão felizes para as armas francezas. Para este fim, mandou propor ao marechal visconde de Turenne que lhe escrevesse uma carta em que testemunhasse ser o primeiro ministro quem dera as instrucções para o cerco e o plano da batalha. O illustre general respondeu com a sua candura costumada: *que o cardeal Mazarino podia empregar todos os meios, que lhe lembrassem, para persuadir a Europa inteira da sua capacidade militar; que elle marechal não tinha em tanto preço a propria gloria que se desse ao trabalho de o desmentir; mas que com tudo era-lhe impossivel authorisar com a sua assignatura uma falsidade.* — *Memoires de Langlade.*

O CELEBRE Moliere motejou muito dos medicos em suas comedias, principalmente na do — *Doente imaginario*; — e não contente com isto os perseguia com seus gracejos nas sociedades. Conta-se, porém, que assistindo um dia á mesa do monarcha, seu protector, este lhe dissera: *Sci que tens medico de partido, Moliere, de que te serve elle? Senhor, [respondeu o comico] quando estou doente em casa, nenhum amigo me apparece; mando chamar o meu medico, e converso com elle; receita-me remedios que não tomo; mas pago-lhe, e curo-me.*

Epitome Chronologico da Historia dos Reis de Portugal, ordenado por J. C. de F. Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. — 1 v. de 8.^o grande.

ESTA obrinha adaptada ao uso das eschololas nos parece por muitos respeitos conveniente para dar aos principiantes uma noção clara dos rudimentos da historia patria; foi este, ao que parece, o intento do Auctor, e é a essa luz que deve ser avaliada a obra. Ali não ha novidade; mas é preciso confessar, que sendo ainda duvidosas e controvertidas tantas dadas da nossa historia, o Auctor seguiu nisso, por via de regra, os mais approvados e seguros chronistas e auctores. Para despertar a curiosidade das creanças, a quem principalmente deve ser o livro proficuo, vem elle adornado de retratos de todos os reis, abertos em madeira, com bastante perfeição, se attendermos a que este genero de gravura está ainda em começo no nosso paiz. Quanto á execucao typographica vé-se que o Auctor não poupou meio algum para que ella fosse igual á das demais publicações feitas nesta typographia.

ETYMOLOGIA DE SETEMBRO.

SETEMBRO conserva o nome que se lhe deu no calendario albano, porque com effeito era nesse calendario o setimo. Teve no tempo dos imperadores romanos, posto que sempre por poucos annos, diversas denominações, como *Germanico, Antonino, Herculeo, Tacito*, as quaes lhe foram dadas por diversos imperadores, que assim se chamaram, ou pelo senado que lhes quiz tributar as mesmas honras que se fizeram a Julio Cesar e Augusto. Não confirmou, porém, a posteridade nenhum destes novos nomes, e o mez tornou a receber o antigo, posto que desde a epocha de Numa, fosse não o setimo mas o nono. Era dedicado a Vulcano, e tidq em Roma pelo primeiro mez de inverno.

Como este mez era o das vindimas, e das ceifas da cevada representavam-o em figura de um homem, vestido de purpura, coroado de cachos de uvas brancas e pretas, e tendo em uma das mãos algumas espigas, e uma balança, a qual alludia ao signo de *Libra*, em que entra o sol neste mez.

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Agosto 26

- 1595 — Morre em París, em grande pobreza, o prior do Crato D. Antonio, com 64 annos de idade. Foi sepultado em um convento de franciscanos daquella cidade: na lapide do sepulchro lhe pozeram o titulo de rei de Portugal.
- 1635 — Morte do celebre poeta dramatico hespanhol Felix Lope da Vega Carpio. Compoz 1:700 a 1:800 dramas. Dizia elle que escrevera durante a sua vida litteraria cinco folhas de papel por dia, isto é quasi 1200 versos. Apesar de escrever tanto Lope-da-Vega é um dos mais excellentes poetas da Hespanha.

27

- 1554 — D. Pedro da Cunha derrota com quatro galés de Portugal oito galés turcas, na costa do Algarve. Tres das contrarias foram rendidas, e uma mettida a pique; as outras fugiram com grande estrago.
- 1590 — Morte do papa Sixto 5.^o

28

- 1481 — Morre elrei D. Affonso 5.^o, no palaeio de Cintra onde nascera. Tinha 49 annos de idade, e quarenta e tres de reinado, tendo governado o reino na sua menoridade o infante D. Pedro, duque de Coimbra.

29

- 1577 — Montucla diz que neste anno morrera o nosso illustre mathematico Pedro Nunes, e o padre Sancta Maria poem o seu obito neste dia.
- 1641 — São justigados em Lisboa o marquez de Villa-Real, o duque de Caminha, o conde de Armammar, D. Agostinho Manuel, e varias outras pessoas por conspirarem contra D. João 4.^o, e quererem entregar o reino aos castelhanos.

30

- 1596 — Morre em Lisboa o nosso insigne poeta Diogo Bernardes.
- 1808 — Convenção de Cintra, em que se concedeu aos francezes o sairem de Portugal, depois de derrotados na batalha do Vimieiro.

31

- 1481 — Acclamação d'elrei D. João 2.^o

Setembro 1.

- 1575 — Morte de Cardano, medico, magico, astrologo, physico, metaphysico. Este erudito, cujo cynismo e credulidade foram deploraveis, tinha annunciado o dia em que havia de morrer; conta-se que tanto que chegou esse dia, se matou para não ficar por mentiroso.
- 1715 — Morte de Luiz 14.^o rei de França.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.